



GT 15. Antropologia, Performances e Patrimônios: saberes insubmissos

Coordenador(es):

Paulo Jorge Pinto Raposo (ISCTE)

Scott Head (UFSC - Universidade Federal de Santa Catarina)

Sessão 1

Debatedor/a: Izabela Maria Tamaso (UFG - Universidade Federal de Goiás)

Sessão 2

Debatedor/a: Filipe Marcelo Correia de Brito Reis (ISCTE)

Sessão 3

Debatedor/a: Renata de Lima Silva (UFG - Universidade Federal de Goiás)

O GT tem por objetivo reunir de comunicações que incorporem reflexões antropológicas sobre as dimensões performativas e imateriais da cultura, notadamente a relacionada a processos de patrimonialização. Interessa-nos (1) entender como se evidenciam diálogos tensos e negociações entre saberes insubmissos, insurgentes e subalternos, materializados em performances culturais e cenários institucionalizados, que acionam a patrimonialização; (2) observar dinâmicas entre patrimônio(s) e performance(s) explorando as dimensões criativas e processos de objetificação cultural de repertórios culturais menos visibilizados ou minoritários; ou as tensões entre expressões culturais de natureza performática (festas, rituais, formas estéticas) e dinâmicas contemporâneas de classificação dessas formas expressivas, marcadas por resistências anti-patrimoniais ou processos insurgentes de empoderamento; (3) entender como formas de exibição dessas manifestações expressivas da cultura se dinamizam através de propostas insubmissas - museus, galerias, no espaço público, eventos ou plataformas virtuais - visando produzir formas mais ou menos canônicas de cultura. Pretendemos pensar criticamente os limites e as dimensões imateriais da cultura e da produção cultural do real. Serão bem vindas propostas em diversos formatos, contribuindo para uma certa descolonização na transmissão de ciência, seja pela tradicional comunicação oral, pelo ensaio audiovisual, instalação comentada ou conferência-performativa.

Batalha das Imagens no Bicentenário da Independência: conflitos na gestão política dos monumentos, museus e memórias históricas

Autoria: Alexandre Fernandes Corrêa (UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro)

Cativados pela proposta desse GT, apresentamos uma proposta de comunicação elaborada a partir da articulação dos conceitos de máquina de guerra semiótica (Lifschitz), batalha das imagens (Carvalho) e guerra das imagens (Gruzinski) nos estudos sobre a memória política numa perspectiva antropológica. Nesse trajeto operamos com a noção de memórias enxertadas (Gruzinski) buscando compreender a lógica das ressurgências imagéticas no espaço sociopolítico atual, através da análise da gestão política do teatro das memórias encenadas em museus, monumentos históricos e paisagens urbanas. Como campo empírico de investigação específico trabalhamos o movimento do Grito dos Excluídos que ocorre todo 7 de setembro no país, por ocasião da comemoração da Independência na Semana da Pátria (DaMatta). Com a proximidade do Bicentenário (2022) analisamos os processos de produção de imagens e outros enunciados discursivos desde



o início dessas manifestações cívico-populares em 1995. Nos interessa o debate proposto nesse GT sobre os usos performáticos em especial em relação a fotografias, imagens, grafismos e paisagens, expressos particularmente nos cartazes produzidos pelo movimento. Destarte, analisamos as narrativas que invocam saberes e patrimônios contra o discurso oficial do estado-nacional brasileiro, enquanto enfrentamentos à ordem simbólica e cultural dominante. No âmbito dessa comunicação apresentamos indagações e inquietações pertinentes à problematização proposta no GT, ao operacionalizarmos os conceitos articulados na batalha das imagens em voga na sociedade contemporânea, perscrutando a natureza e a lógica dos processos performativos em disputa no campo da memória política. Com esse intuito, ampliando o alcance das reflexões embasadas no campo empírico escolhido, avançamos na análise comparativa ao invocar conflitos e enfrentamentos ocorridos em outras sociedades, como os eventos registrados recentemente no Chile e na Espanha. Evidencia-se assim que esses conflitos em tela se situam no âmago das transformações locais e globais, no que tange a gestão do futuro do passado, dos saberes e conhecimentos tradicionais e dos patrimônios bioculturais. Os embates e disputas pelas performances no campo da memória histórica e política, parecem ser decisivos no atual estágio de aceleração da globalização. Uma abordagem antropológica apurada certamente trará contribuições importantes para a compreensão das novas possibilidades do devir histórico-cultural contemporâneo.

[Trabalho completo](#)



Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameaçam a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

Realização:



Apoio:



Organização: